

A Atemporalidade Ôtica de O Príncipe

Gustavo Watts da Silva Lucas¹

Maquiavel em *O Príncipe* se propõe a mostrar como chegar e se manter no poder em variadas situações, como em relação ao comando de tropas e em principados eclesiásticos. O autor e diplomata nasceu em 3 de maio de 1469, em Florença, e é conhecido como o Pai da Ciência Política moderna, por ter separado a política da religião e por ter mostrado como é e não como deveria ser, diferente de escritores e pensadores da sua época. Editado no Brasil pela Vozes com tradução de Lívio Xavier.

O Príncipe é, sem dúvida, a obra mais conhecida de Maquiavel. Lido e debatido em todo o mundo e em todas as épocas desde que foi produzido. Foi escrito e dedicado especialmente a Lourenço de Médici, mostrando-o a realidade prática da política e do poder, baseado na sua experiência como funcionário público de Florença. Nos capítulos finais podemos perceber que Maquiavel também escreveu a obra para ajudar na unificação do Estado italiano, principalmente inspirado no Estado Nacional francês, onde dedicou boa parte da sua carreira diplomática.

Uma grande contribuição da obra foi, justamente, a divisão da ética religiosa da ética política o que antes não acontecia nos Estados, em especial na Idade Média. Para Maquiavel, o objetivo da política é a manutenção do Estado o que nada tem a ver com a Igreja e a religião. E, por esse motivo, foi fortemente criticado pelo cardeal inglês Reginald Pole que via no Governo de Oliver Cromwell, um profundo “maquiavelismo”, que acabou se tornando um termo pejorativo com o significado de alguém perverso e sem ética. Porém o escritor citou: “[...] não se afastar do bem, se possível, mas saber entrar no mal, se necessário” (página 106).

¹ Discente do segundo período de Relações Internacionais.

Um ponto bastante original é como o florentino disserta sobre o tema político com uma visão ontológica e não deontológica, ou seja, de um ponto de vista do ser e não do dever ser. Diferente de autores como Platão e Thomas Morus. Talvez esse seja o principal motivo pela atualidade do livro. Também por essa razão o autor é considerado um dos grandes precursores do Realismo Clássico.

Maquiavel, de uma forma perspicaz, utiliza diversos eventos históricos para validar seu pensamento. Desde a Grécia antiga ao Império Romano e principalmente sobre o estudo do historiador Tito Lívio. Em cada capítulo o escritor busca mostrar a forma prática de acordo com o tema que está sendo tratado, como quando fala da derrota de Filipe da Macedônia no capítulo XXIV sobre o porquê dos príncipes italianos terem perdido seus Estados, o que, mais uma vez, dá suporte às teorias ontológicas do pensador.

O livro, escrito em 1513, e publicado pela primeira vez em 1532, atualmente, é bastante lido por grandes líderes políticos e pessoas que lidam com o poder. Como exemplo da grande atualidade de *O Príncipe* podemos usar o caso dos ex-presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Affonso Collor de Mello que na eleição de 1989 eram adversários e, hoje, tem agido como grandes aliados políticos. Para o pensador, se necessário for, o Governante deve se unir a um inimigo, já que cabe a ele sempre ter em mente o fim, porém ele não coloca isso de uma maneira expressa como muitos tendem erroneamente a dizer com a frase “os fins justificam os meios” que o autor em questão nunca escreveu.

As ideias presentes no livro, com certeza, dão base ao pensamento ontológico do Realismo, porém em alguns pequenos momentos elas se prendem e se forçam de mais no ser o que acaba quase as tornando, paradoxalmente, utopias. Apesar disso, o ideal principal de Maquiavel deve e é fortemente aceito o que, inclusive, leva alguns idealistas liberais a reverem alguns conceitos dessa escola.

Como Maquiavel mostra em *O Príncipe* o homem é um ser naturalmente perverso, ideia confirmada pelas teorias Realistas. Outro ponto importante do Realismo que se relaciona com as opiniões maquiavélicas contida no livro é a cerca da anarquia internacional, explicada pelo fato de não haver um poder coercitivo além dos Estados Nacionais, que resulta em guerras, graças a essa característica dos homens. Com isso o pensador também quebra com o argumento aristotélico de que os humanos são animais políticos (o *zoon*

politikon). Contudo, não podemos considerar a obra como Realista, já que essa escola ainda não existia.

Outro tema bastante discutido e disseminado da obra é se cabe ao governante (príncipe) ser amado ou temido. Para Maquiavel depende da circunstância e é plenamente possível exercer os dois papéis. Fato confirmado, por exemplo, de atuais ditaduras que perduram por décadas e não correm perigo de acabar. O autor também cita que apesar do príncipe poder ser temido, nunca deve ser odiado. Se não conseguir o amor do seu povo o governante, visando a manutenção do seu poder, não deve hesitar em se fazer temer, já que se for impossível combinar ambos é mais segura a segunda opção. Com isso cita: Os homens têm menos pudor em ofender aquele que se faça amar do que o que se faz temer (página 102).

Outra grande teoria lançada no livro é acerca da *virtú* e da fortuna. Como renascentista que era utilizava de conceitos da Antiguidade Clássica de uma nova maneira. E entre estes conceitos estão os dois citados anteriormente. A *virtú* seria a capacidade dos príncipes de adaptação aos acontecimentos políticos e o termo fortuna vem da deusa romana da sorte e representa o destino. Assim seria mais seguro contar com a própria habilidade do que com o inevitável e imprevisível, ideia que não se pode negar até nos dias de hoje.

Por não se fundamentar em utopias, as teses desse “manual prático do poder”, como é tido por muitos cientistas políticos, são dificilmente falseadas. Apesar de, inicialmente, ter sido uma obra bastante criticada hoje são raras as pessoas que o julgam dispensável. Assim a leitura de *O Príncipe* é de extrema importância e até imprescindível para todos aqueles que tratam ou pretendem tratar direta ou indiretamente com o poder.

Em um mundo totalmente diferente do nosso, em *O Príncipe*, Maquiavel conseguiu entender a essência humana e política de uma maneira nunca antes vista e praticamente inequívoca. Essa obra lançou os principais valores da política do Ocidente. O livro quebrou paradigmas e não só renovou o pensamento antigo, mas como também deu base a novas linhas, como o próprio Realismo.

No decorrer dos capítulos, onde o autor explica como conquistar e manter o poder nos mais diferentes principados, desde os conquistados aos herdados e entre os civis e os mistos, e utilizando de seus exemplos históricos, Maquiavel nos passa a ideia cíclica da história, onde os fatos se repetem durante períodos de crise e de paz. Por isso, segundo ele, é extremamente importante que se conheça o passado com a finalidade de prever e dar fim a problemas futuros. Nessa temática, o autor diz: “Todo príncipe inteligente deve não somente vigiar e ter cuidado com as desordens presentes, mas também principalmente com as futuras, evitando-as com toda a cautela porque, previstas a tempo, facilmente lhes pode opor corretivo” (página 12).

Alguns grandes líderes da história, como Fernando Henrique Cardoso, confessam ter *O Príncipe* como livro de cabeceira, inclusive existe uma versão da obra com comentários do poderoso Napoleão Bonaparte, que não deve ter seguido tão a risca os ensinamentos do renascentista, porém, com certeza, foi influenciado por esses. Isso nos mostra como é verdadeira a atemporalidade desse grande livro, onde suas ideias podem ser postas em prática no Período Napoleônico, no Brasil pós-ditadura e em todos os casos que envolvem o poder e suas aplicações.

A obra *Leviatã*, escrita por Thomas Hobbes, é largamente comparada a *O Príncipe* devido à onticidade comum nas duas e a semelhança entre o estado de natureza que ambos pensadores pregam. Porém essas produções se distinguem em relação às formas de Estado que propõem, já que a primeira defende o absolutismo, enquanto a segunda, não de forma explícita, preconiza a república. Além disso, se pode entender nas ideias hobbesianas que o monarca não é necessariamente justo, a pesar de agir com legitimidade, já Maquiavel não nega o conceito de o poder político só é legítimo se for justo.

A pesar de ter focado sua tese na monarquia, os conhecimentos tirados do livro devem e podem ser aplicados em qualquer forma de poder, pois, mesmo em casos diferentes aos citados, essas ideias se encaixam e explicam muito da essência política, fato. A teoria de que o pensamento maquiavélico é inescrupuloso e absurdo já é rechaçada pela maioria dos estudiosos e cientistas políticos, por verem, nessa obra, a mais pura essência do poder.

Com isso, devido a grande atemporalidade e o compromisso com a onticidade, Maquiavel lançou para a humanidade um dos maiores e mais importante livros de toda história. A leitura de *O Príncipe* é extremamente válida para qualquer um que queira entender o poder, a política e a natureza humana. As ideias são absorvidas facilmente e com clareza, pois são rapidamente associadas a fatos atuais, além disso, os exemplos históricos lembrados e estudos por Maquiavel, principalmente tirados das obras de Tito Lívio, servem como suporte para entender o que o autor quer passar e para confirmar seus pensamentos.